



ISSN: 1983-8379

## Literatura e multidão: emergência e crítica na cultura das redes

Aleamar S. A. Rena<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho propõe pensar as novas configurações da crítica e valoração literária e cultural no ambiente fragmentado e efêmero da cibercultura. Busca-se entender o processo de transformação tecno-cultural em que a seleção daqueles que merecem maior visibilidade no espaço público deixa de ser responsabilidade exclusiva de unidades biopolíticas maiores, e passa a ser adicionalmente mediada pelos próprios usuários que são com frequência também produtores, *prosumers*.

**Palavras-chave:** Crítica; cibercultura; emergência; comunicação confusional; multidão.

**ABSTRACT:** This paper proposes to think the new forms of criticism and cultural and literary valuation in the fragmented and ephemeral environment of cyberspace. We seek to understand the process of techno-cultural transformation in which the selection of those who deserve greater visibility in public space is no longer the sole responsibility of powerful discursive centers, and passes to be further mediated by the users who are often also producers, *prosumers*.

**Keywords:** Criticism; cyberculture; emergence; confusional communication; multitude.

*The “greatness” of literature cannot be determined solely by literary standards; though we must remember that whether it is literature or not can be determined only by literary standards.*  
T. S. Eliot

O pesquisador e professor da New York University, Clay Shirky, em seu livro *Here comes everybody: the power of organizing without organizations*, diz:

“Quando mudamos a forma como comunicamos, mudamos a sociedade. As ferramentas que uma sociedade usa para criar e manter-se são tão centrais para a vida humana como a colmeia é para a vida da abelha. Embora a colmeia não seja parte de uma abelha individual, é parte da colônia, ambas conformadas e conformando as vidas de seus habitantes. (...) Mas meras ferramentas não são suficientes. As ferramentas são simplesmente uma forma de canalizar a motivação existente. (...) Sem promessa plausível, toda a tecnologia no mundo não seria mais do que toda tecnologia no mundo. (SHIRKY, 2008, p. 19) (trad. minha)”

Comunicação e tecnologia, em sua afetação mútua, não são fatores únicos determinantes de mudanças porque, atravessando esses processos, existem variáveis

---

<sup>1</sup> Professor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, doutorando em Literatura Comparada pela UFMG.



ISSN: 1983-8379

específicas de ordem cultural, ética, religiosa, política, ecológica. Mas nos últimos 200 anos, a comunicação e as tecnologias estabeleceram uma relação de interdependência maior do que visto em todos os outros períodos da história humana. Se no início da Era Moderna percebe-se o nascimento de uma cultura da imprensa, transformando a tradição da oralidade, da escrita e da prática literária, permitindo inédita acumulação de conhecimento, nos sécs. XIX e XX o advento de uma cultura e indústria da comunicação eletrônica transformam o tecido social de tal forma que falar em termos culturais, políticos ou éticos demanda, em algum nível, penetrar no debate a respeito da comunicação.

Em uma nova e recente etapa desses desenvolvimentos, observamos a emergência de uma multidão global de pequenos produtores, amadores, profissionais ou semiprofissionais, cujas novas formas de vida em comunidade são pautadas pelas tecnologias digitais da comunicação em rede e pela indústria da tecnologia e informação. A difusão de produtos intelectuais se espalha pelo globo de forma vertiginosa e a criação se torna individual, coletiva, colaborativa.

Hoje, a seleção daquilo que merece maior visibilidade deixa de ser responsabilidade exclusiva de unidades biopolíticas maiores como o Estado, os meios massivos, a crítica cultural e passa a ser adicionalmente mediada pelos próprios usuários que são com frequência também produtores, *prosumers* (do neologismo em inglês, *producers* + *consumers*). Surge aí, numa mistura de utopia e realidade radical, uma cultura que algumas vertentes do pensamento contemporâneo defendem como mais livre e comunitária, em oposição ou complementação a uma cultura de filtros centrais e tomadas de decisão com fins quase exclusivamente comerciais, enquanto outras correntes delatam como, “na maior parte do tempo, condição de folclore do homem pós-moderno, de expressão avançada da indústria cultural e de uma era sujeita ao pensamento tecnológico” (RÜDIGER, 2008, p. 21).

Neste ambiente, o pensador Lucien Sfez vai falar de uma comunicação confusional, não deflagrada, mas certamente potencializada pela cultura das redes, em que fato e ficção se tornam indistinguíveis na circularidade que se instaura; imagens “estilhaçadas e diferentes” que chegam a todos os lugares e se anulam conformam um só ruído, com o qual a tentação de se identificar é grande, de se unir a ele e contribuir para a construção de mutismo, não-comunicação. Para os críticos e delatores da comunicação “confusional”, a emergência de



ISSN: 1983-8379

vozes, produção simbólica e poder atomizado infinito podem representar a degeneração das trocas de afetos ou representação. No que diz respeito à comunicação em rede, Sfez a descreverá como sendo responsável pela instauração de uma realidade do paradoxo, resultante da: confusão entre sujeito e objeto (“que o objeto possa ser isso e aquilo, que eu seja isso E aquilo, dentro E fora”) (2007, p. 128); da relatividade generalizada; da auto-representação e auto-referência (direitos e habilidades agora igualmente delegadas ao computador, eliminando as diferenças entre o homem e a máquina); da simulação que vai tornar o signo tão real quanto a sua fonte; da interação como forma de integrar o homem com a máquina “não em relação de indiferença, um diante do outro, mas em mútua e recíproca interpenetração” (2007, p. 132).

Também Jean Baudrillard, desde a década de 70, desenvolveu conceitos para ressaltar pontos críticos de uma sociedade levada a seus extremos na produção de imagens, liberação sexual, subversão de valores, liberação das forças produtivas e destrutivas, chegando finalmente ao estágio da pós-orgia: “Percorremos todos os caminhos da produção e da superprodução virtual de objetos, de signos, de mensagens, de ideologias, de prazeres. Hoje, tudo está liberado, o jogo já está feito e encontramos-nos [...] diante da pergunta crucial: O QUE FAZER APÓS A ORGIA?” (1990, p. 9).

Numa abordagem diferente desta, Michael Hardt e Antonio Negri observam que esse sistema maquinal, onde comunicação e cultura se entrelaçam, dá contornos específicos ao espaço de produção imaterial e intelectual que por sua vez condiciona “regimes específicos de produção, que facilitam certas práticas e proíbem outras” (2003, p. 429). No processo de mutação biopolítica, a hibridização do humano e da máquina não deve ser vista como marginal, mas como fato fundamental na constituição do poder das comunidades emergentes. Se o poder de transformação passa pelo acesso e controle de conhecimento, informação, comunicação e afetos, é preciso que se estabeleça as condições necessárias para a reapropriação e invenção, pela habilitação de uma certa autonomia da multidão:

Se a cooperação linguística se torna cada vez mais a estrutura da corporalidade produtiva, então o controle do sentido e do significado linguísticos e das redes de comunicação constituem uma questão cada vez mais central para a luta política. [...] Como podem sentido e significado ser orientados diferentemente, ou organizados em aparatos alternativos, coerentes e comunicativos? (HARDT e NEGRI, 2006, p. 428).



ISSN: 1983-8379

Estes pensadores têm mantido o foco sobre as potências abertas pelas comunicações horizontais, enfatizando o poder de transformação vertical que possuem no conceito de “emergência”, nas linhas de força que atuam da periferia para o centro, das multidões para o estado e as instituições. Existe nessa perspectiva uma notável mudança de paradigma tanto em relação às configurações do poder, quanto na forma como a própria multidão se organiza, como a informação é agenciada, como o valor cultural se constrói. Se a “realização da história, a partir de vetores ‘de cima’, é ainda dominante, a realização de uma outra história a partir dos vetores ‘de baixo’ é tornada possível”, dirá Milton Santos (2008, p. 166). Segundo ele, o computador, com sua flexibilidade, amplitude de aplicações e baixo custo, pode reduzir o efeito da suposta lei segundo a qual o surgimento de novas técnicas conduz, necessariamente, a uma maior concentração econômica e menor emancipação intelectual, podendo, ao contrário, sob condições políticas favoráveis, ser “capaz não só de assegurar a liberação da inventividade como torná-la efetiva (...) As técnicas contemporâneas são mais fáceis de inventar, imitar ou reproduzir que os modos de fazer que as precederam” (2008, p. 164-165).

Olhando por uma perspectiva mais pragmática, Chris Anderson, em *The long tail* (2006), mostra estar surgindo no mercado e na cultura uma “cauda longa” conformada por uma variedade ilimitada de conteúdos à margem do *mainstream* e que hoje é responsável por uma fatia significativa do lucro nas livrarias virtuais e outros mercados. Segundo Anderson, tal realidade é, entre outras razões, consequência da desobjetificação do conteúdo e do advento dos bancos de dados virtuais, que apresentam baixo custo para cadastro e armazenamento de títulos, ao contrário das lojas físicas, que, além de pagar pelo espaço, incorrem em limitações geográficas porque o consumidor precisa se deslocar até o ponto de venda. Uma infinidade de assuntos, nichos de mercado e formatos ganham visibilidade, levando a cultura a um alto grau de fragmentação.

Dadas as atuais condições, nas redes digitais ou fora delas, é possível que haja uma tendência ao esmaecimento da importância de conceitos como “gêneros”, “clássicos” (seja no sentido de valor histórico, seja no sentido de valor como modelo), “cânones”, “grande texto”, “originalidade”, incitando o surgimento de termos tão extravagantes quando pertinentes como “pós-crítica”, “falência da crítica” ou, ainda, a expressão mais diplomática “crise da crítica”.



ISSN: 1983-8379

Entre críticos ou artistas, se esta crise já se ensaiava desde meados do séc. XX — penso em Barthes e o “verossímil crítico”, em *Crítica e Verdade*, de 1964 (2007, p. 189-191), e em Duchamp e seus *readymades* —, hoje ela fulgura. Leyla Perrone-Moisés vem observando nas últimas décadas que, no ensino de base e na academia, “a Literatura é uma disciplina ameaçada. (...) A palavra ‘literatura’ quase nem aparece nas Diretrizes do Ministério da Educação. Aliás, nossa área agora se chama ‘Linguagens, códigos e suas tecnologias’” (2005).

Devemos nos perguntar se novas gerações viverão em um mundo onde as referências, os grandes gênios, autores que influenciam toda uma geração serão parte de um universo de valores comum apenas nos tempos dos seus antepassados. É possível que essas gerações, que já nasceram imersas em um ambiente de conexões, trocas e remixagem, estejam mais confortáveis com a produção e acesso à cultura numa lógica da inteligência coletiva, da construção em processo, da efemeridade das referências culturais e formais, passando longe dos tradicionais modelos de classificação e julgamento a partir de critérios estéticos, estáveis ou não. Neste contexto, surge a questão: como a produção e a troca simbólica incessante das comunidades conectadas minam a pertinência, ou, no mínimo, introduzem significativos novos paradigmas para procedimentos de seleção, crítica, valoração e fixação praticados ao longo do séc. XX pelos modelos clássicos?

Perrone-Moisés nos sugere que “O relativismo cultural dominante põe em xeque as antigas escalas de valores, sem as substituir por novas” (2005). Talvez estejamos mesmo desiludidos com as escalas, mas não sem motivação histórica. Como bem se perguntava Barthes, em 1964, “Que é pois a objetividade em matéria de crítica literária?”, respondendo que, se no passado era a razão, a natureza, o gosto, a vida do autor, as leis do gênero, a história, “eis que hoje nos dão ainda uma definição diferente. Dizem-nos que a obra literária comporta ‘evidências’, que podemos distinguir com o apoio das ‘certezas da linguagem, as implicações da coerência psicológica, os imperativos da estrutura do gênero’.” (2007, p. 191) Ele vai, claro, questionar tanto as velhas quanto as, então, novas “evidências” das quais lançaria mão o “crítico verossímil”.

A atual crise e relativismo, como se pode entender, precisa ser vista em sua perspectiva histórica ocidental, pela qual a sociedade em rede é, antes, mais consequência do



ISSN: 1983-8379

que causa. Dizer que nada substitui as tradicionais escalas de valor estético é uma verdade parcial; se é fato que os antigos sistemas desmoronam cada vez mais rapidamente diante dos olhos, e que estamos em um momento de transição em que novas racionalidades ainda não amadureceram, é possível, por meio de um redimensionamento intelectual e metodológico, buscar identificar (ou até propor, como faz brilhantemente Boaventura de Sousa Santos com suas sociologia das ausências e sociologia das emergências) as bases sobre as quais se constrói a cultura do séc. XXI. Nesta investida, o conceito de emergência nos parece fundamental. Steven Johnson, que em 2001 publicou um livro referência no assunto, assim o define: sistemas emergentes são

“sistemas bottom-up, e não top-down. Pegam seus conhecimentos a partir de baixo [...]. Neles, os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que reside em uma escala acima deles: formigas criam colônias; cidadãos criam comunidades; um software simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros. O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto é o que chamamos de emergência.” (JOHNSON, 2003)

Pode-se observar na cultura das redes uma fraca presença de vetores de construção de valor cultural calcados na lógica “de cima”, em contraposição a uma forte prevalência de estruturas que favorecem a lógica “de baixo”. Uma quantidade muito expressiva de escritores e artistas são constantemente revelados nos ambientes virtuais pela infraestrutura técnica que condiciona a valoração emergente, totalmente ou parcialmente alheios aos tradicionais sistemas de filtragem cultural, conformados por concursos, prêmios, a crítica, as editoras e a academia.

Grande parte destes amadores ou profissionais escrevem romances, contos, crônicas, relatos pessoais, poesia digital em ambientes como blogs ou redes sociais como Twitter. Outros procedimentos avançados de produção possibilitam obras multimidiáticas, paraliterárias e interativas — com o suporte de códigos e bancos de dados — inconcebíveis na cultura impressa. Numa vertente menos sofisticada, replicando o formato do livro tradicional, as editoras virtuais oferecem textos eletrônicos exclusivamente. Por sua vez, sites como o Lulu.com buscam diminuir radicalmente os pré-requisitos e barreiras na publicação de livros eletrônicos e impressos. O serviço oferece ao autor a possibilidade de se tornar também editor



ISSN: 1983-8379

ou coeditor de seu próprio conteúdo. Por pouco mais de 300 dólares um escritor, pensador, jornalista, executivo, dona de casa pode ter seu texto editorado, recebe um número de ISBN e é cadastrado em livrarias internacionais como a Amazon. Sua obra fica disponível para venda em formato digital ou impresso. Caso haja uma compra do formato impresso a Lulu.com prontamente cuida da impressão, que funciona por demanda. Mas, tendo em vista a quantidade sem precedentes de publicações e criações disponíveis, como o leitor seleciona aquilo que lhe interessa?

Seria possível relacionar uma grande lista de procedimentos que serviriam como indícios primários, mas aqui, dadas as limitações de formato, citaremos apenas dois. O primeiro diz respeito aos mecanismos de busca. No caso do Google — ou de seu robô, chamado Googlebot — o critério-chave de análise de valor foi inspirado no sistema de citações bibliográficas dos textos acadêmicos, dando maior relevância para os conteúdos mais citados por meio de links diretos. Grande parte de seu sucesso se deve a essa apropriação. Derivam-se desta lógica uma infinidade de outros algoritmos e ferramentas de busca e filtragem de conteúdo. Um segundo procedimento concerne à forma como amigos nas redes e comunidades virtuais (CV) aprendem uns com os outros transversalmente, trocando entre si referências. A construção de valor cultural nestes ambientes se assemelha àquela das comunidades físicas (CF), baseando-se na riqueza de diferenças, mas ao mesmo tempo tirando proveito da proximidade de interesses preexistentes. Diferentemente das CF, no entanto, estas CV estão atreladas a uma sofisticada infraestrutura que oferece, prontamente, praticamente qualquer conteúdo, passível de ser “citado” ou editado e imediatamente acessado por meio de links. Nesse sentido, na Internet a própria crítica — dos estudos acadêmicos aos mais despojados comentários em fóruns — está sujeita a processos de valorização emergentes; quanto mais internautas oferecem links, digamos, para uma certa resenha, mais relevo ela adquire. Por meio de tecnologias que observam o comportamento destas multidões, as produções culturais, amadoras ou profissionais, escalam os degraus do reconhecimento público, sem ou quase sem o apoio dos canais tradicionais.

Em ambos os procedimentos citados, na contramão do que afirma Sfez, a apenas aparentemente aleatória ou maquinal valorização promovida por softwares não instaura, necessariamente, uma ruptura humanista total, nem a estranha fusão homem-máquina e



ISSN: 1983-8379

eliminação dos direitos e diferenças entre ambos. A realidade se dá no entre-lugar, entre a ação das máquinas que programamos e a avaliação que as mesmas fazem do nosso próprio comportamento, ou ainda no contato sem mediadores, horizontal, entre as pessoas nas CV. O ponto de partida e chegada é sempre o humano; estamos ainda muito longe de qualquer outra coisa.

Neste universo cuja base é a avaliação constante do coletivo, quanto maior o número de participantes, maiores são as chances de acerto dos algoritmos ou, colocado de outra forma, maior é a produção de inteligência. Trata-se de uma economia cultural cuja multidão é protagonista, cujo conteúdo e valor não são, mas estão. Esta nos parece ser o ponto de confusão na compreensão da nova cultura. Apesar da queda das hierarquias tradicionais, do advento da emergência como campo científico, conceitual e prático cada vez mais validado por diferentes instâncias, da instauração da velocidade e do processo como potência e competência, boa parte da comunidade intelectual ainda demonstra incapacidade de compreender que grandes multidões em que seus indivíduos possuem autonomia, sob condições técnicas, éticas e políticas favoráveis, podem produzir inteligência tão bem quanto ou melhor que filtros *a priori*. Há hoje um grande número de pesquisas apontando nesta direção<sup>2</sup>. Advém desta incompreensão o sentimento de que entramos na era do caos absoluto, do culto ao amadorismo, da desvalorização do saber e da cultura.

É o que se vê no polêmico livro *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores* (2007), de Andrew Keen, que busca mostrar que a permissividade e facilitação da disponibilidade que a cibercultura promove incentiva um tipo de produção amadora que, no fim, apenas enfraquece a economia cultural. Lê-se em seu site: “estamos à beira da catástrofe. Blogs, wikis e as redes sociais estão, de fato, atacando a nossa economia, nossa cultura e nossos valores. A Web 2.0 está nos empurrando de volta para a Era das Trevas”.<sup>3</sup> Podemos identificar de pronto algumas falhas em sua formulação: a cultura de massas não é uma cultura de conteúdos exclusivamente de alta qualidade; por outro lado, a cultura das redes não é uma cultura de amadores somente. O pensador americano do MIT Henry Jenkins, que ganhou projeção

---

<sup>2</sup> Ver, como exemplo, *Infotopia: how many minds produce knowledge*, de Cass R. Sunstein.

<sup>3</sup> Disponível em: [http://andrewkeen.typepad.com/the\\_great\\_seduction/2006/10/my\\_book\\_now\\_not.html](http://andrewkeen.typepad.com/the_great_seduction/2006/10/my_book_now_not.html). Acessado em maio de 2011.





ISSN: 1983-8379

internacional com seus estudos sobre as narrativas *transmídia*, chama atenção para o fato de que amadores podem vir a ser os profissionais de amanhã, e não há ambiente melhor para esta transformação do que aquele da colaboração e avaliação pelos pares. Dirá ele, em *Cultura da Convergência* (2006), que com os novos canais de distribuição em rede e ferramentas de edição digitais

a produção da cultura tradicional começa a florescer novamente, da noite para o dia. A maior parte do que os amadores criam é terrivelmente ruim; no entanto, uma cultura próspera necessita de espaços onde as pessoas possam fazer arte ruim, receber as críticas e melhorar. Afinal, boa parte do que circula pelas mídias de massa também é ruim, sob qualquer critério [...]. Uma parte do que os amadores criam será surpreendentemente boa, e os melhores artistas serão recrutados para o entretenimento comercial ou para o mundo da arte. Uma parte maior dessas criações será boa o suficiente para atrair o interesse de um público modesto, para inspirar criação de outros artistas, ou para fornecer novos conteúdos que, quando refinados por muitas mãos, talvez se transformem em algo valioso no futuro. (p. 194)

O também o pesquisador americano Shirky nos lembra ainda que conteúdos amadores, profissionais e comunicações pessoais entre amigos se misturam em um mesmo meio, mas não são a mesma coisa, não têm os mesmos propósitos (2008, p. 81-90); cabe cada vez mais ao internauta estar preparado para lidar com estes ambientes fractais e híbridos. Negligenciar tais nuances pode levar o intelectual à confusão vista no discurso de Keen. No entanto, é provável que as mudanças muito aceleradas tenham produzido um vácuo neste início de século e tenham relegado ao limbo cultural a atual geração de jovens, tardia demais em relação aos antigos valores, mas igualmente adiantada demais em relação aos novos, que mal são compreendidos, dominados e eventualmente repassados aos mais novos pela educação formal (não por acaso, também em crise), a família e a sociedade.

Por certo, estes novos sistemas de valor calcados no comportamento emergente das multidões não são a solução total ou definitiva para as crises dos tradicionais sistemas; tampouco resumem todas as alternativas hoje em jogo dentro e fora do espaço das redes. Nem mesmo podemos observar ou prever uma superação dos métodos tradicionais; percebe-se, ao contrário, um ecossistema híbrido em que ambos os movimentos, aqueles regidos por filtros centralizados, hierarquias e interesses institucionais e corporativos e outros regidos pela lógica da emergência parecem se interpenetrar, complexificando a paisagem.



ISSN: 1983-8379

Como se dão os processos de seleção e valoração daquilo que passará do amador ao semiprofissional ou profissional, tendo em vista os novos esquemas apontados, parece ser uma questão fundamental para se pensar a cultura hoje, podendo abalar o discurso acadêmico, dos Estudos Culturais à Literatura Comparada.

### Referências bibliográficas

- ANDERSON, Chris. The long Tail. Londres: Random House Business Books, 2006.
- BARTHES, Roland. Crítica e Verdade. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.
- CASTELLS, Manuel. Communication Power. New York: Oxford University Press, 2009.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008.
- JOHNSON, Steven. Emergência: dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e software. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- KEEN, Andrew. The cult of the amateur: how blogs, wikis, social networking, and the digital world are assaulting our economy, culture and values. New York: Random House, 2007.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Por amor à arte. Estud. av. [online]. 2005, vol. 19, n. 55, p. 335-348.
- RÜDIGER, Francisco. Cibercultura e pós-humano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SFEZ, Lucien. A comunicação. São Paulo: Martins, 2007.
- SHIRKY, Clay. Here comes everybody: the power of organizing without organizations. Nova York: Penguin Books, 2008.
- SUNSTEIN, Cass R. Infotopia: how many minds produce knowledge. Nova York: Oxford University Press, Inc., 2006.